

## Um encontro com Dorothy: como o Jornal do Brasil cobriu o assassinato que virou símbolo da violência no campo<sup>1</sup>

Pedro Henrique Soares de CARVALHO<sup>2</sup>

Graduando

Ruth de Lima SCHEFFLER<sup>3</sup>

Graduanda

Maria Lívia RORIZ<sup>4</sup>

Doutora

Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ

### Resumo

Este artigo tem como propósito identificar e analisar como o Jornal do Brasil abordou e relatou a memória de Dorothy Stang, assassinada em decorrência da violência dirigida contra ambientalistas no Brasil. A escolha do tema se justifica tanto pelo legado deixado pela missionária e ativista quanto pelos frequentes casos de desmatamento nas zonas de campo. Foram utilizadas como fonte de dados as edições do Jornal do Brasil publicadas na semana em que Irmã Dorothy foi assassinada, entre os dias 12 de fevereiro a 19 de fevereiro no ano de 2005. O Jornal foi escolhido devido a sua relevância, tradição e alcance, além do fato de ser o terceiro mais antigo do Brasil.

**Palavras-chave:** História do Jornalismo; Dorothy Stang; Jornal do Brasil; Violência no campo.

### Introdução

A ocupação do campo em território brasileiro é um problema sério, e não é de hoje que o governo vem deixando a questão ambiental de lado. Processos migratórios intensos, disputas por terra e recursos naturais são componentes dessa história. Assim, “o tema da morte e assassinato de camponeses configura-se como um fenômeno histórico e social no estado do Pará.” (ANDRADE, 2019, p. 14). Mediante a tal cenário, muitos mártires atraíram olhares para a hostilidade que caracteriza os conflitos agrários no Brasil.

O país tem deficiência quando o assunto é a resolução de problemas ambientais. Em 2019, a cobertura da mídia na região Amazônica deixou isso nítido, já que os dados relacionados ao desmatamento e às queimadas são assustadores. Assim, uma vez que as

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT História do Jornalismo, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia, e concorrente ao 6º Prêmio José Marques de Melo de Estímulo à Memória da Mídia.

<sup>2</sup> Discente do curso de graduação em Jornalismo da UFRJ, e-mail: [ruth.scheffler@discente.eco.ufrj.br](mailto:ruth.scheffler@discente.eco.ufrj.br)

<sup>3</sup> Discente do curso de graduação em Jornalismo da UFRJ, e-mail: [pedro.carvalho@discente.eco.ufrj.br](mailto:pedro.carvalho@discente.eco.ufrj.br).

<sup>4</sup> Pós-Doutoranda em Comunicação e Cultura pela UFRJ, bolsista PNPd-CAPES. Doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ, Mestre em Psicologia Social UERJ e Psicóloga Clínica, e-mail: [marialiviaroriz@gmail.com](mailto:marialiviaroriz@gmail.com)  
<http://lattes.cnpq.br/6622030984325071>

pautas ambientais ganham cada vez mais relevância, tanto em território nacional, quanto internacional, cria-se necessidade de analisar e compreender como os jornalistas abordaram - e ainda abordam - essa temática.

Diversos campos do saber encontram na memória um objeto de investigação científica. Na comunicação, em especial o jornalismo, é exercida a construção de narrativas que mantêm a história viva. Muitos recursos contribuem para que a fidelidade aos fatos narrados seja garantida - fotos, infográficos, entrevistas, estão entre eles.

Este artigo tem como propósito identificar e analisar de que maneira o *Jornal do Brasil*, abordou e relatou a memória da ambientalista Dorothy Stang, violentamente assassinada. A escolha do tema se justifica tanto pelo legado deixado pela missionária e ativista, quanto pelos frequentes casos de desmatamento nas zonas de campo, como em 2019 anteriormente citado.

Para isso, analisaremos as edições do *Jornal do Brasil*<sup>5</sup> publicadas na semana em que Irmã Dorothy foi assassinada, entre os dias 12 de fevereiro a 19 de fevereiro no ano de 2005. A escolha deste jornal foi baseada em sua relevância, tradição e alcance, além do fato de ser o terceiro mais antigo do Brasil, assim tais adjetivos caracterizam a escolha. Outro fator foi a facilidade e disponibilidade de encontrá-lo no acervo digital.

### **Viveu como profeta, morreu mártir**

“– Essa cova em que estás,  
com palmos medida  
é a conta menor  
que tiraste em vida.  
– É de bom tamanho,  
nem largo nem fundo  
é a parte que te cabe  
deste latifúndio.  
– Não é cova grande,  
é cova medida,  
é a terra que querias  
ver dividida.”  
(MELO NETO, 1955, p. 159-160)

---

<sup>5</sup> Em 9 de abril de 1891, no Rio de Janeiro (RJ), Rodolfo de Sousa Dantas e Joaquim Nabuco fundaram o *Jornal do Brasil* (JB), jornal diário e matutino. O JB, que passou por diversas fases em mais de cem anos de história, teve papel crucial na definição dos rumos da imprensa brasileira, sobretudo a partir de 1959, quando experimentou uma revolucionária reforma gráfica e editorial. A partir de 31 de agosto de 2010, após uma longa e severa crise financeira, o periódico teve sua versão impressa extinta, passando a existir somente na internet. Em 2007, O JB presenciou o aumento da sua tiragem média para cerca de 100 mil exemplares, resultado de uma série de medidas de recuperação colocada em prática em 2003. Em 25 de fevereiro de 2018, momento em que a empresa editora tinha configuração diferente da de 2010, o jornal voltou a ver suas edições impressas nas bancas. (BRASIL, 2015, Artigo arquivado em Hemeroteca).

No poema de João Cabral de Melo Neto deixam-se ver as marcas deixadas pelos conflitos no campo e pela reforma agrária no âmbito da fronteira agrícola e na configuração do espaço agrário brasileiro. Nesse sentido, ao retornarmos à década de 1970, podemos constatar uma crença de que caso a Amazônia não fosse colonizada, os países vizinhos invadiriam e saqueariam seus recursos. Desse modo, o governo passou a conceder terras aos agricultores que tornassem a floresta produtiva.

Esse cenário contribuiu para que surgisse, no Pará, uma área rural pouco povoada e explorada principalmente por latifundiários, madeireiros e grileiros. Nela, ainda hoje são presenciados conflitos que buscam pôr em prática a reforma agrária, a preservação ambiental, o trabalho na agricultura, entre outros domínios. Não raro, ribeirinhos, comunidades, empresários, sem-terra, trabalhadores rurais, ambientalistas e grileiros são envolvidos em embates que se tornam verdadeiros campos de batalha “onde domina o mais forte, mas não há rigorosamente vencedores” (PINTO, 1978, p. 177-178).

As hostilidades nesses conflitos podem ocorrer de diversas maneiras. A forma mais grave são as mortes violentas. Para Ronaldo Barata:

O assassinato, como crime de encomenda, é a expressão final de toda uma prática de violência que permeia o conflito agrário: a ostensiva prática da escravidão por dívidas – a peonagem; a violenta destruição patrimonial dos bens do trabalhador rural: suas casas e suas plantações; isto tudo até chegar ao crime de tocaia em que o trabalhador, fraco e desprotegido, não tem condições de se defender, nem a proteção do Poder Público para sua vida. (BARATA, 1995, p. 10)

É exatamente neste contexto que a ativista Dorothy Mae Stang foi assassinada. A irmã Dorothy - como ficou conhecida - nasceu em 1931, no Estado de Ohio, nos Estados Unidos, vindo a se mudar para o Brasil em 1966. Com apenas 17 anos, decidiu seguir a vida religiosa e aos 24 anos emitiu seus votos perpétuos na congregação das Irmãs de Nossa Senhora de Namur. Foi por meio desta congregação que Dorothy iniciou seu ministério no país, especificamente na cidade de Coroatá, no Maranhão. Ela participou da Comissão Pastoral da Terra<sup>6</sup> ainda na sua fundação e dirigia os diálogos entre as lideranças locais,

---

<sup>6</sup> “A CPT foi fundada em 1975 pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que tem como missão realizar trabalhos no Brasil espalhando exemplos de solidariedade, esperança, fraternidade e justiça, exatamente o que a Igreja Católica propõe aos cristãos, usando como exemplo Jesus, seus ensinamentos e práticas do bem e amor ao próximo. Este trabalho é de grande valor para os mais pobres e que estão em situações de desvantagem, sem apoio das autoridades. A CPT segue um trabalho junto às comunidades, que busca proporcionar dignidade e justiça a posseiros, índios, trabalhadores rurais e lideranças populares. Poucos anos depois de fundada, a CPT se tornou uma entidade ecumênica e recebeu apoio de ajudantes de outras igrejas cristãs.” (CAMPOS & RAVENA, 2017, p. 118)

políticas e religiosas. A partir de 1980, concentrou os seus esforços na luta pelos direitos dos trabalhadores rurais e das famílias pobres e isoladas da região do Xingu, fixando-se, em 1982, na Vila de Sucupira, no município de Anapu.

Stang propôs, então, projetos de reflorestamento e atividades extrativistas de subsistência. Em um de seus trabalhos mais importantes, ela e alguns outros militantes reivindicam a implantação do Projeto de Desenvolvimento Sustentável Esperança<sup>7</sup>. Assim, sentimentos de revolta cada vez maiores foram sendo nutridos nos fazendeiros, grileiros e madeireiros da região, de forma que, em 2003, Irmã Dorothy “foi declarada persona non grata pela Câmara de Anapu, ‘como ato de repúdio da população às ações desagregadoras por ela praticadas’” (VIANA, 2007, p. 27).

No dia 12 de fevereiro de 2005, a missionária foi vítima de uma emboscada. Numa estrada de terra no município de Anapu, foi abordada pela dupla matadores, que dispararam os seis tiros contra ela, tirando-lhe a vida. A história da brutalidade cometida contra Dorothy percorreu o mundo e ecoou ainda mais as causas daqueles pelos quais a Irmã Dorothy lutava.

### **Análise da cobertura do Jornal o Brasil**

Antes de analisarmos o seu teor, cabe aqui uma reflexão sobre a estruturação do conteúdo publicado pelo Jornal do Brasil sobre o caso Dorothy. Isso porque:

Os leitores não só conhecem um determinado assunto, como também ficam sabendo qual importância atribuir a esse mesmo assunto a partir da quantidade de informação veiculada da notícia e da posição por ela ocupada. (TRAQUINA, 2000, p. 47)

Dessa forma, o material utilizado foi separado para melhor compreensão da cobertura do assassinato de Dorothy. Importante destacar que foram considerados também conteúdos relacionados aos desdobramentos do crime, o que inclui a influência que o caso teve sobre a tentativa de combate à violência no campo. Para isso, foram observadas as edições publicadas entre os dias 12 e 19 de fevereiro de 2005. Na tabela abaixo, seguem os números de materiais publicados:

---

<sup>7</sup> “O Projeto de Desenvolvimento Sustentável (PDS) foi criado com a intenção de combinar o cultivo de produtos como cacau, café e pimenta-do-reino à comercialização da produção local – açaí, cupuaçu e castanha-do-pará.” (VIANA, 2007, p. 27).

Tabela 1- Material publicado na semana seguinte à morte de Dorothy Stang

<b>Material</b>	<b>Quantidade publicada</b>
Fotolegenda	16
Reportagem	14
Foto	13
Manchete de página	7
Foto de capa	5
Chamada de capa	4
Manchete de capa	3
Coluna	3
Nota	3
Carta ao Editor	1
Charge	1

Fonte: Jornal do Brasil, edições do período de 12/02/05 a 19/02/05

Nela, pode-se constatar uma diversidade de recursos utilizados na abordagem do assunto, os de caráter imagético (fotos e infográficos) e textual. Neste último caso, inclusive, observa-se ainda a valorização tanto de análises mais objetivas quanto pessoais (colunas e Carta ao Editor).

De maneira geral, a predominância de textos jornalísticos mais longos, como as reportagens e colunas, demonstra a prioridade em entregar um conteúdo com mais informações e detalhamento acerca da questão abordada. A complementação com imagens, legendas e elementos gráficos realça o aprofundamento dado a essas matérias.

Aliado a isso está o número de vezes que materiais relacionados à Dorothy foram colocados na capa do jornal, seja por meio de manchetes, chamadas ou fotos. Portanto, é

possível afirmar que durante o período analisado, a temática foi tratada de forma bastante relevante por parte do *Jornal do Brasil*, uma vez que lhe foi dada uma posição de notoriedade.

A manchete “*Lula passou a se preocupar mais com a morte da missionária quando perdeu as eleições da câmara*”, por exemplo, reforça as críticas do jornal ao governo da época. Em outro momento, a mesma ideia se repete em “*Omissão do estado no campo ativa lei da selva*”.

Deve ser destacado que não foi identificada nenhuma entrevista ao longo das edições analisadas. Tal fato mostra que pouco se valorizou a narrativa contada a partir do ponto de vista daqueles que eram próximos da missionária. Consequentemente, isso se refletiu em uma abordagem mais objetiva do caso, colocando em segundo plano o caráter subjetivo e humano de Dorothy.

Por fim, tem-se a construção de uma variedade de registros que promovem “um conhecimento, uma reflexão, uma crítica, um reconhecimento das vivências passadas e, conseqüentemente, da história.” (BENETTI, M., & FREITAS, C., 2016, p. 172). Todos esses elementos, juntos, acabaram por auxiliar na construção da memória da missionária Dorothy.

### **Histórico das matérias**

No primeiro dia após o assassinato, o jornal fez uma matéria discreta sobre o ocorrido, porém deixou claro que *Stang* lutava pelo direito dos moradores e que recebia diversos “recados” dos fazendeiros de Anapu. Nomes como o de *Lula*, presidente da república na época, e de *Marina Silva*, Ministra do meio ambiente foram citados. De modo geral a abordagem foi explicativa, não humanizou *Dorothy*.

Nos dias seguintes a abordagem mudou. O que antes era uma manchete no fim do jornal, agora tornou-se capa do *Jornal do Brasil*. Com tom sentimental e um infográfico para ser respondido pelos leitores, o jornal esquentou o caso com a pergunta “Embora indiretamente, o governo brasileiro pode ser culpado pelo assassinato da missionária Dorothy Stang?”. Além dele, um outro material também chama atenção: uma Carta ao Editor na qual um leitor deixou sua opinião sobre o caso Dorothy. Deixa-se ver uma aproximação, mesmo que discreta, entre o público e a cobertura jornalística.

Durante as matérias sobre o crime e a investigação da Polícia Federal juntamente com a embaixada americana no Brasil, são indicados conflitos entre famílias e exército. Com isso, o foco em Stang é ofuscado e questões como “a luta no campo está assim há décadas” e “o caso Stang pode melhorar a fiscalização dessas terras” são levantadas. O jornal, então, diz que “O caso de Stang pressionou o governo a intensificar o cerco à grilagem”, ultrapassando o limite da abordagem de apuração para uma opinião.

Com o decorrer dos dias e dos conflitos, a abordagem faz crítica com inúmeros títulos de reportagens exigindo reação do governo. Títulos como “Governo não quer tratar ação militar como emergência” só aumentam a pressão popular em cima do governo, o qual perdeu as eleições para a presidência da câmara dos deputados.

Além disso, o jornal abre espaço na coluna “outras opiniões” para um professor da Unicamp, Ricardo Antunes. Na coluna, ele explica que o governo tem “fio mal enrolado” e diz que o governo passa por uma série de problemas, como a perda das eleições para presidente da câmara, além da situação brutal ocorrida com Stang. Ele finaliza sua matéria com a frase “a sociedade está em processo de erosão”.

### **Registros fotográficos: uma viagem no tempo**

A fotografia pode ativar a memória, falar sobre um passado, permitir revivê-lo no presente, mesmo não sendo ela pertencente ao indivíduo que a observa, mesmo não sendo até ela a rememoração de seu passado. (FELIZARDO & SAMAIN, 2007, p. 215)

É bastante notável a utilização de registros fotográficos durante a cobertura do caso Dorothy por parte do Jornal do Brasil. Uma das justificativas para essa afirmação se dá em decorrência do número de vezes que tal recurso estava presente tanto em páginas internas quanto nas capas das edições analisadas. Ademais, deve ser considerado o caráter perene atribuído às fotografias em um âmbito geral, uma vez que elas também são “memórias, histórias escritas nelas, sobre elas, de dentro delas, com elas” (SAMAIN, E., 2012, p. 160)

Cabe aqui ressaltar o papel da foto como uma ferramenta de registro do passado. Segundo Felizardo e Samain.:

A fotografia carrega consigo a magia da (re)criação de um “isso foi” àquele que a observa, uma incitação àquele momento eternizado. Ela suscita e ressuscita sentimentos. (BARTHES, 1984, p. 115 *apud* FELIZARDO & SAMAIN, 2007, p. 215)

Portanto, não poderíamos deixar de examinar algumas das imagens que eternizaram os desdobramentos do assassinato de irmã Dorothy. Para isso, foram selecionadas duas fotos, a fim de que, a partir da análise delas, a cobertura feita durante o período estudado possa ser melhor compreendida.

Figura 1- O corpo da missionária chega a Altamira

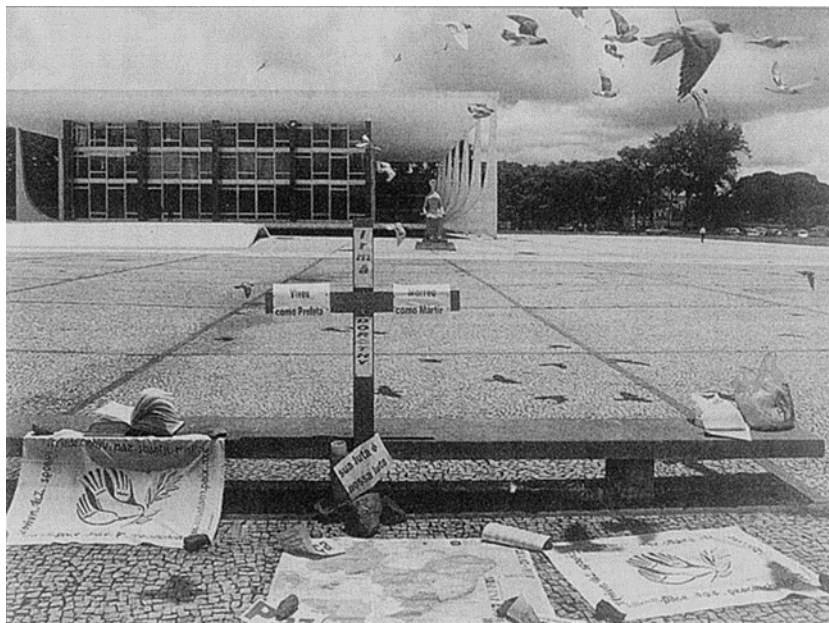


Fonte: Hemeroteca Digital

Nesta primeira fotografia, é possível perceber uma atmosfera caracterizada pela melancolia. Na ocasião, o corpo de Dorothy havia chegado na cidade paraense onde seria velado. A mobilização de um considerável número de pessoas em sua volta sugere um grande apreço por parte daqueles com quem ela convivia - sobretudo os ligados à causa ambiental. Vale ressaltar o destaque dado à bandeira brasileira, pois, mesmo tendo nacionalidade norte-americana, a missionária mostrou-se fortemente dedicada ao Brasil.

Figura 2 - Ato em memória da missionária Dorothy Stang em Brasília





Fonte: Hemeroteca Digital

Quanto a esta segunda imagem, torna-se predominante o inconformismo e a inquietude. O retrato do ato realizado em Brasília em memória de Irmã Dorothy deixa claro que os princípios pregados por ela, mesmo após sua morte, estavam mais vivos do que nunca. Alguns elementos, como a cruz, a Bíblia e os pássaros, nos remetem à crença da missionária na propagação do cristianismo e também da paz. O Palácio do Planalto ao fundo sugere a proporção política que o caso acabou tomando.

Deve ser destacado que das fotos identificadas ao longo das edições, apenas duas retratavam Dorothy ainda em vida. As demais mostravam apenas os desdobramentos do crime. Dessa forma, é inevitável que as imagens, em um âmbito geral, tenham expressado um sentimento de desolação com relação ao passado. Mesmo assim, a inquietação mostrada por algumas dessas fotografias também indicou ambição por mudanças em vista do futuro. Tais características reiteram o caráter peregrino dos registros fotográficos.

### **Considerações finais**

O Jornal do Brasil, ao cobrir o assassinato de Irmã Dorothy, concentrou-se sobretudo na repercussão e nos desdobramentos do crime. As matérias produzidas enfatizavam o tom político que abarcou este caso tanto na esfera nacional - a exemplo da

pressão feita por movimentos sociais no governo brasileiro - quanto internacional - por meio do envolvimento da embaixada americana.

Muito pouco foi abordado, ao longo das edições analisadas, aspectos da subjetividade de Dorothy. Ao contrário, foi dada a preferência por uma abordagem mais distante da figura humana que a missionária representava. Entretanto, isso não ofuscou o destaque dado ao caso. Observou-se uma variedade de recursos imagéticos e textuais a fim de que as matérias acerca do tema fossem valorizadas.

Por meio dos registros publicados, é possível traçar pontes entre o passado e o presente. Assim, a memória, em parte, construída a partir da cobertura jornalística, permite que hoje possamos perceber a perenidade de diversas características do cenário político e social encarado por Dorothy.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. R. **Do luto à luta: memória e subjetividade ante às práticas de violência no campo no sul e sudeste do Pará.** Diss. Dissertação de Mestrado. Marabá: Programa de Pós-graduação em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia, 2019.

BARATA, R. **Inventário da violência: crime e impunidade no campo paraense, 1980-1989.** Belém: Cejup, 1995.

BENETTI, M., & FREITAS, C. **A fenomenologia da memória e o “homem capaz” do jornalismo.** *Conexão-Comunicação e Cultura*, 14(28), 2016.

BRASIL, B. **Jornal do Brasil.** Artigo arquivado em Hemeroteca, 2015

CAMPOS, A. L., & RAVENA, N. **A violência no campo e a cobertura nos jornais impressos Diário do Pará e O Liberal: uma análise dos casos Dorothy Stang e José Cláudio Ribeiro.** *Novos Cadernos NAEA*, 20(1), pp.111-133, 2017.

FELIZARDO, A., & SAMAIN, E. **A fotografia como objeto e recurso de memória.** *Discursos fotográficos*, 3(3), 205-220, 2007.

MELO NETO, J. C. D. **Morte e vida Severina.** 1955

PINTO, L. F. **Amazônia: no rastro do saque.** São Paulo: Hucitec, 1978.

SAMAIN, E. As peles da fotografia: fenômeno, memória/arquivo, desejo. *Visualidades*, 10(1), 2012. SILVA, J. M.. **História do Jornalismo no Brasil - caminhos percorridos.** São Paulo: Alcar, 2020.

TRAQUINA, N. **O poder do jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento.** Coimbra: Minerva, 2000.

VIANA, N. **Plantados no chão: assassinatos políticos no Brasil hoje.** São Paulo: Conrad, 2007.